

## O ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOs – IMAGENS DA REDESCOBERTA

### Introdução

No contexto do sub-projeto *Engenho dos Erasmos: Arqueologia, Patrimônio e Ação Educativa*, coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Farias Veloso Hirata (MAE-USP), a participação do grupo de estudos audiovisuais *Olhar Periférico* permitiu a elaboração do projeto de um vídeo-documentário sobre o *Engenho*, para ser incluído no material didático desenvolvido no MAE-USP (Fig. 1).

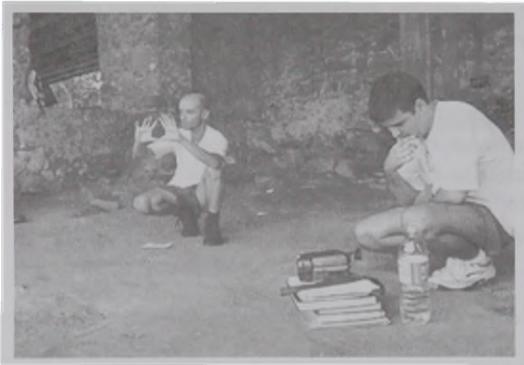


Fig. 1 – Silvio Cordeiro e André Costa, do grupo de estudos audiovisuais *Olhar Periférico*, coordenadores da oficina de Vídeo. Frame extraído do material gravado no *Engenho dos Erasmos*.

O trabalho videográfico propõe o envolvimento de jovens da comunidade na elaboração do roteiro e nas gravações, realizando para isto uma *Oficina de Vídeo* com um grupo de alunos da escola vizinha ao Engenho, a Escola Estadual Profa. Gracinda Maria Ferreira.

O objetivo geral é promover a redescoberta das ruínas através da educação do olhar, permitindo que se ultrapasse o tom contemplativo e o reconhecimento do monumento apenas enquanto vestígio de um passado remoto; indo além, busca-se através da oficina com esses jovens o despertar de um olhar curioso e crítico,

que desvende as *narrativas* por trás do objeto arquitetônico, possibilitando uma amplitude de compreensões e questionamentos acerca da história do lugar onde moram (Fig. 2).



Fig. 2 – Frame extraído do material gravado durante a oficina de vídeo realizada no *Engenho dos Erasmos* com alunos da EEPsG Profa. Gracinda Maria Ferreira.

### Ruínas de um velho Engenho

Próximo à cachoeira do rio S. Jorge, no Morro da Caneleira, em Santos, ficam as ruínas do velho *Engenho São Jorge dos Erasmos*. Restos desta vetusta construção ainda resistem ao tempo: algumas paredes de alvenaria em pedra e cal, muros de contenção e alicerces, sobretudo.

Apesar da sua atual situação, passados mais de quatro séculos, as ruínas ainda oferecem generoso campo de estudo. O conjunto arquitetônico dos *Erasmos* está assim entre as nossas mais antigas construções, remontando aos primeiros anos da colonização efetiva destas terras pelos portugueses e correspondendo à introdução da manufatura do açúcar no Brasil.

A organização de toda a logística produtiva – em torno de um produto de grande inserção nos mercados consumidores da

Europa – foi uma estratégia que garantiu a posse das *novas terras* para a constituição da própria colônia, pois exigiu o estabelecimento de uma população permanente de colonos, vivendo em vilas fundadas sob as determinações régias, usufruindo um território dividido em grandes latifúndios, cultivados pelas mãos do índio e do negro escravizados.

O *Engenho dos Erasmos* teve sua origem na iniciativa de Martim Afonso de Souza: por volta de 1534, o donatário da Capitania de S. Vicente, além de organizar o povoamento, funda uma empresa junto a seu irmão Pero Lopes e outros – os *Armadores do Trato*. Entre eles, estava o flamengo Johan Van Hielst, representante em Lisboa da casa comercial da família Schetz, de Antuérpia.

O *Engenho do Governador*, ou dos *Armadores do Trato*, cerca de 1540 – pouco tempo depois da ida de Martim Afonso para a Índia – é comprado pelo mercador flamengo Erasmos Schetz e passa a ser conhecido como *Engenho S. Jorge dos Erasmos*.

Trata-se, portanto, de um importante testemunho do período da própria instalação da colônia. Seu estudo poderá contribuir para a melhor compreensão dos diversos aspectos envolvidos no início da colonização do Brasil, entre eles – talvez o de maior alcance até os nossos dias – o esforço de um povo em conquistar terras distantes, mobilizando duramente outras gentes, pelo trabalho que aqui engendrou a formação do *Povo Brasileiro*.

### **Um testemunho vivo: o processo participativo de criação do documentário**

O sítio arqueológico histórico do *Engenho dos Erasmos* já foi tombado em todas as instâncias (IPHAN, CONDEPHAAT, CONDEPASA). Nos últimos anos, a restrição das visitas para atender aos requisitos da conservação reforçou a distância das ruínas do dia-a-dia da população do local, restando somente entre os mais velhos algumas lembranças e histórias que relacionam o cotidiano da comunidade com a área (Fig. 3).

É sabido, no entanto, que o estudo, a restauração e a preservação do monumento como patrimônio histórico não se realizam sem

que sejam também restaurados a *memória* e o *interesse pela História* junto à população.

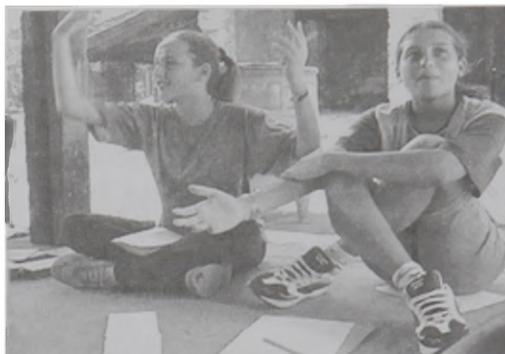


Fig. 3 – Frame extraído do material gravado durante a oficina de vídeo realizada no Engenho dos Erasmos com alunos da EEPSPG Profa. Gracinda Maria Ferreira.

Neste aspecto, cabe resgatar o que assinala Pierre Bourdieu acerca da história inscrita nos objetos, “objetivada”, e a história feita o corpo, “atuante”.

*Do mesmo modo que o escrito só escapa ao estado da letra morta pelo ato de leitura, o qual supõe uma atitude e uma aptidão para ler e para decifrar o sentido nele inscrito, também a história objetivada, instituída, só se transforma em ação histórica, isto é, em história “atuada” e atuante, se for assumida por agentes cuja história a isso os predispõe e que, pelos seus “investimentos” anteriores, são dados a interessar-se pelo seu funcionamento e dotados das aptidões necessárias para a pôr a funcionar.* Bourdieu (1989:83)

A questão que se coloca é de que maneiras as próprias pessoas, antes mesmo das instituições, podem construir relações com o *objeto-monumento* no tempo. Estas relações estão sempre mudando e deixando suas marcas. O aspecto atual das ruínas representa muito do abandono do sítio, mesmo num momento em que se reconhecia seu valor na nossa História. Por pouco os vestígios não desapareceram. O desafio é discutir as maneiras pelas quais a comunidade pode apropriar-se dele de fato, tornando-o um testemunho vivo, reconhecendo no objeto uma história que se faz ainda contínua e não engessada no passado.

Nesse sentido é que se insere a proposta de participação dos jovens alunos na *Oficina de Vídeo*, estimulando-os para uma redescoberta das ruínas e sua apropriação através de um *olhar videográfico*. Esse contato com a linguagem audiovisual vem permitindo trabalhar ludicamente com aspectos da arqueologia, da história e da arquitetura, bem como discutir as questões relativas à conservação e o usufruto pelas gerações do nosso patrimônio cultural (Fig. 4).

As diversas atividades com os jovens vêm se realizando no próprio sítio arqueológico: uma *Oficina de Vídeo* entre as ruínas, provocando-se a percepção deste espaço, um mergulho. O mote para o desenvolvimento das atividades no processo participativo de criação do documentário foi a sugestão de uma metáfora com o trabalho arqueológico: a escavação do sítio, atrás de possíveis vestígios, é como a escavação da memória, atrás das lembranças da história da presença humana no lugar. Uma metáfora estimulando a percepção do contexto

dos diversos vestígios, materiais e imateriais. Através das imagens, no processo de construção lúdica deste documentário, desenvolve-se uma redescoberta.



Fig. 4 – Frame extraído do material gravado durante a oficina de vídeo realizada no Engenho dos Erasmos com alunos da EEPSP. Profa. Gracinda Maria Ferreira.

#### Referências bibliográficas

GAMA, R.

1983 *Engenho e Tecnologia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

BOURDIEU, P.

1989 *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difusão Editorial Ltda.

André Costa\*  
Silvio Cordeiro\*